



MASCULINIDADES RACIALIZADAS E AS “EXISTÊNCIAS INFERNAIS” DE JOVENS HOMENS NEGROS NO RECÔNCAVO DA BAHIA¹

Julio Cesar Cerqueira Araújo²

Resumo: Este artigo é resultado da minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS-CAPEL, 2017- 2018), desenvolvida com jovens homens negros com idades entre 16 e 24 anos, estudantes do anexo do Colégio Estadual Rômulo Galvão, localizado na zona rural da cidade de São Félix (BA).³ O objetivo da investigação foi compreender como se constroem as identidades masculinas e os projetos de vida de jovens homens negros naquele contexto, utilizando a antropologia crítica e a etnografia como método investigativo pautado na relação dialógica e na experiência dos sujeitos. O resultado da pesquisa aponta para a racialização atuando sobre a representação de sujeitos negros, tornando suas experiências atravessadas por “existências infernais”.

Palavras-chave: Jovens homens negros. Masculinidades racializadas. Existências infernais. Contexto escolar. Racismo.

RACIALIZED MASCULINITIES AND THE “INFERNAL EXISTENCES” OF YOUNG BLACK MEN IN THE RECÔNCAVO DA BAHIA

¹“Existências infernais” (tradução minha) é um termo utilizado por Maldonado Torres (2007) para tratar das experiências vividas por sujeitos racializados, a partir do conceito de colonialidade do ser. Segundo autor, o termo representa a naturalização da não ética de guerra na modernidade, tornando corpos negros e suas experiências no contexto racializado, existências infernais, legitimada pela não ética materializada na violência.

² Cientista Social graduado pela UFRB, Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFRB), doutorando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Posafro) UFBA. Desenvolve estudos na área da antropologia como pesquisador do Grupo de pesquisa Territorialidade, Patrimônio e Violência - UFRB/Brincadeira de Negão - Identidades e Subjetividades de Jovens homens Negros no Recôncavo da Bahia. Atualmente pesquisa o projeto Vetor Disciplinar coordenado pela Polícia Militar nas Escolas Públicas da Bahia. E-mail: julio_marthan@hotmail.com

³ O título da minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais é: “Antinegritude e construção de projetos de vida: uma etnografia entre jovens homens negros no Recôncavo da Bahia”, defendida pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em 2019.



Abstract: This article is the result of my master's dissertation in Social Sciences from the Federal University of Recôncavo da Bahia (PPGCS-CAPEs, 2017-2018), developed with young black men aged 16 to 24, students of the State College annex. Rômulo Galvão, located in the rural area of São Félix (BA). The objective of the research was to understand how to build the male identities and life projects of young black men in that context, using critical anthropology and ethnography as an investigative method. guided by the dialogical relationship and the experience of the subjects. The result of the research points us to the action of racialization acting on the representation of black subjects, making their existences crossed by infernal experiences.

Keyword: Young black men. Racialized masculinities. Infernal existences. School context. Racism.

MASCULINIDAD RACIALIZADA Y “EXISTENCIAS INFERNALES” DE LOS JÓVENES NEGROS EN BAHÍA RECONCAVO

Resumen: Este artículo es el resultado de mi disertación de maestría en Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia, (PPGCS-CAPEs, 2017-2018), desarrollada con jóvenes hombres negros de 16 a 24 años, estudiantes del anexo de State College. Rômulo Galvão, ubicado en la zona rural de São Félix (BA). El objetivo de la investigación fue comprender cómo construir las identidades masculinas y los proyectos de vida de los jóvenes negros en ese contexto, utilizando la antropología crítica y la etnografía como método de investigación. guiados por la relación dialógica y la experiencia de los sujetos, el resultado de la investigación nos señala la acción de racialización que actúa sobre la representación de sujetos negros, haciendo que sus existencias se crucen por experiencias infernales.

Palabra clave: Jóvenes negros. Masculinidades racializadas. Existencias infernales. Contexto escolar. Racismo.

LA MASCULINITÉ ET RACIALISÉE INFERNALES DES “JEUNES EXISTENCES” HOMMES NOIRS À BAHIA RECÔNCAVO

Résumé: Cet article est le résultat d'une thèse de maîtrise en sciences sociales de l'Université fédérale de Recôncavo da Bahia (PPGCS-Capes, 2017-2018), élaborée avec de jeunes hommes noirs âgés de 16 à 24 ans, étudiants de l'annexe du State College Rômulo Galvão, situé dans la zone rurale de São Félix (BA). L'objectif de la recherche était de comprendre comment construire les identités masculines et les projets de vie de jeunes hommes noirs dans ce contexte, en utilisant l'anthropologie critique et l'ethnographie comme méthode d'investigation. guidé par la relation dialogique et l'expérience des sujets, le résultat de la recherche nous oriente vers l'action de la racialisation agissant sur la représentation des sujets noirs, faisant de leurs existences traversées d'expériences infernales.

Mot-clé: Jeunes hommes noirs. Masculinités racialisées. Existences infernales. Contexte scolaire. Le racisme.

INTRODUÇÃO



Ao longo dos anos temos percebido um crescimento constante nos debates acerca da categoria masculinidades negras no Brasil, dentro e fora das Universidades, produzindo compreensões múltiplas que se adensam, demonstrando a complexidade estabelecida entre gênero, raça e seus atravessamentos. Neste artigo, procuro interpretar a relação entre gênero e raça, não como uma tematização acerca da corporeidade do homem negro, mas a partir da perspectiva crítica que se constitui com a análise dos seus dramas cotidianos, que como bem define Guerreiro Ramos (1955, p. 171), atravessam as experiências e realidades efetivas do “negro vida”, sem procurar estabelecer descrições objetivas sobre corpos que procuram resistir às “existências infernais” produzidas pela racialização⁴

Neste sentido, utilizo a sistematização elaborada por Ribeiro e Faustino (2017), acerca das abordagens que têm direcionado os estudos sobre as masculinidades negras, posicionando-me neste campo investigativo no eixo de intersecção entre raça e gênero, que como bem salientam os autores, valora as “experiências sociais complexas, difusas, contraditórias, paradoxais e descontínuas” (p. 175). Ao passo que procuro localizar a problemática desenvolvida neste artigo junto ao perfil crítico e investigativo produzido pelo grupo de pesquisa “Brincadeira de Negão”, situado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como um expoente desse campo de estudos, focado na investigação de identidades e subjetividades masculinas racializadas, tendo em vista a minha experiência e de outros pesquisadores do grupo com as realidades efetivas e os dramas cotidianos de jovens homens negros neste território.⁵

A abordagem aqui procura ressaltar o valor empírico e descritivo da etnografia, através do trabalho de campo, ao mesmo tempo que propõem uma análise centrada na perspectiva dos sujeitos investigados, buscando estabelecer um diálogo com as definições

⁴ “Negro vida” é um termo utilizado para caracterizar um deslocamento investigativo para as realidades efetivas e os dramas cotidianos do homem negro. Segundo o autor era preciso não tematizar realidades tão complexas e diferenciadas e, portanto, multiformes, que sempre estavam em transformação sem um modelo definitivo. A tematização do homem negro torna suas realidades objetivas e mumificadas como um traço cristalizado na sociedade. RAMOS, Guerreiro. Patologia social do branco brasileiro. *Jornal do Comércio*, janeiro de 1995.

⁵ “Brincadeira de Negão” – Subjetividade e Identidade entre Jovens Homens Negros na Bahia (Brasil), Grupo de Pesquisa vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira (BA).



de Clifford (2014, p. 36) a respeito da experiência do etnógrafo, numa relação com a noção de perspectiva enquanto “voz”, definida por Marcus (1991, p. 207), por ambas pautarem o valor empírico e o dialógico na investigação etnográfica.

Essas abordagens centradas nos sujeitos surgem com a crítica direcionada à etnografia, que ainda encontra subsídios no paradoxo estabelecido pelo traço colonial da antropologia clássica, na busca de uma compreensão do “outro” exótico e estranho. Esse debate surge com o nascimento da antropologia crítica sinalizando para a emergência de uma análise centrada no sujeito, tornando o fazer etnográfico não somente uma vasta descrição empírica, analisada a partir de teorias, mas como uma teorização construída a partir das categorias produzidas pelos sujeitos no campo, como recurso analítico, possibilitando um deslocamento da concepção visual como característica fechada para a análise na pesquisa etnográfica, como nos termos utilizados por Oyêwúmi (2018), ao criticar o caráter extremamente visual da antropologia no ocidente:

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é a de que a sociedade é constituída pelo corpo e como corpo – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judeus, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Eu estou usando a palavra “corpo” de duas formas: a primeira como metáfora da biologia, e a segunda para chamar a atenção do aspecto puramente físico que parece estar presente na cultura ocidental. Eu me refiro ao corpo físico tanto quanto às metáforas do corpo. E dado ao corpo uma lógica própria. Acredita-se que somente ao olhar para ele já se pode perceber a posição social ou as convicções de uma pessoa, ou a ausência delas. (OYÊWUMI, 2018, p. 307).

Segundo a autora, a antropologia ocidental foca no aspecto visual, toda interpretação sobre os sujeitos ou determinado grupo social utilizando o corpo como o lugar que se impõem, determina, classifica e posiciona sujeitos sociais, revelando a vulnerabilidade de tal concepção, mesmo em contextos ocidentais. A crítica elaborada pela autora procura chamar atenção para a forma como a antropologia ocidental utiliza o visual como elemento interpretativo, sem problematizar a sua função determinante, e muitas vezes equivocada. Dessa forma, este artigo procura apontar para como a perspectiva visual focada no corpo negro produz os arsenais de representação para o imaginário raciológico brasileiro.



Para tanto procuro remontar o cenário onde a experiência compõe a produção do conhecimento, que se estabelece no diálogo e nas ações observadas no trabalho de campo, construindo a análise de uma parte da estrutura como forma de interpretação do todo, onde a etnografia ganha *status* investigativo. Neste sentido, a etnografia nos torna, se não aptos, mais próximos de uma compreensão a partir da averiguação dos significados construídos pela interpretação, em diálogo com os elementos revelados no trabalho de campo.

Neste artigo, dialogo a partir das complexidades que atravessam a construção de identidades masculinas de um grupo de 12 jovens homens negros. O contexto é uma escola pública na localidade do Outeiro Redondo, zona rural da cidade de São Félix- BA, no anexo escolar do Colégio Estadual Rômulo Galvão, que funciona com pouquíssimos recursos e condições físicas precárias. Essa localidade tem sido marcada por um aumento crescente da violência e criminalidade, somando diversos casos de homicídios. Neste mesmo cenário estão inseridos, enquanto estudantes, diversos rapazes com idades entre 14 e 18 anos, majoritariamente negros, sendo que uma parte deles é formada de trabalhadores rurais, como maneira de ajudarem suas famílias; no entanto, muitos deles ainda aspiram à migração para contextos urbanos, como uma possibilidade de crescimento econômico e de emancipação.

Há dois pontos de inflexão que atravessam as experiências desses jovens rapazes: um que trata das condições precárias de acesso à educação; e o outro em relação à presença do crime organizado e do aumento em potencial da violência naquele contexto. Ambos atuando de forma incisiva nas suas experiências vividas, produzindo o que destaco no início do texto como “existências infernais”, nos termos utilizados por Maldonado Torres (2007, p. 148), como um conjunto de representações produzidas pela “não ética” colonial onde “estar morto e ser violado” fazem parte da “essência” do ser negro, tornando a precariedade, a violência e a morte fatores que atravessam as suas experiências, como uma parte constitutiva de um “mundo normal”. Nesse sentido, esse artigo procura descrever como a racialização produz para os corpos de homens negros significados de subordinação, que os atingem nos diversos contextos da vida social.



Ao analisarmos a experiência de sujeitas e sujeitos negros no Brasil, deparamo-nos com uma problemática complexa, pois há um sobrepeso nas suas trajetórias que perpassa por uma historicidade marcada por diversas desigualdades estruturais, dentre elas, uma se demonstra com ampla relevância de alerta emergencial, e diz respeito aos altos índices de mortalidade de pessoas negras, que contabilizam números exorbitantes em diversas regiões do Brasil, tendo uma taxa de homicídio crescente entre pessoas negras com 40,2% em relação a não negras, com 16%. Cabendo aqui evidenciar o alerta que faz o Atlas da Violência de 2018, ao definir jovens homens negros como potenciais sujeitos para o crescimento desse número de homicídios, vejamos:

[...] a desigualdade racial no Brasil se expressa de modo cristalino no que se refere à violência letal e às políticas de segurança. Os negros, especialmente os homens jovens negros, são o perfil mais frequente do homicídio no Brasil, sendo muito mais vulneráveis à violência do que os jovens não negros. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 41).⁶

Esse cenário é descrito por Vargas (2010, p. 34) como “estados marcados pela subjugação racial, onde desemprego desproporcional e encarceramento em massa, morte prematura e doenças preveníveis entre outros fatos vastamente compartilhados entre negros” nos informam sobre como esses mecanismos – a exemplo da precarização e poucos investimentos na escola pública – se somam ao avanço da criminalidade que atinge a experiência de vida dos jovens homens negros descritos neste artigo, posicionando seus corpos como alvos em potencial de violências estruturadas, não somente enquanto ação unilateral, mas como um processo multifacetado, que constitui formas de representação subsidiadas pela relação ontológica da diferença como salienta Araujo (2018, p.17.19).

O trabalho de campo possibilitou observar esses mecanismos de precariedade e controle que apontam para veracidade de tais considerações, ao observar o cotidiano dos rapazes, desde as condições precárias para o acesso à educação, até a correlação de seus

⁶Neste Atlas da Violência de 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), consta a análise de inúmeros indicadores para melhor compreender o processo de acentuada violência no país. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432. Acessado em: 29 de outubro de 2019.



corpos com a criminalidade, tornando-os corpos passíveis à violência, o que incide de forma direta na construção de suas identidades masculinas.

“TODO PRETO TOMA BACULEJO”: NOTAS ETNOGRÁFICAS ENTRE OS JOVENS HOMENS NEGROS NA ESCOLA PÚBLICA

O relato a seguir faz parte das minhas observações em campo, enquanto estive entre os jovens rapazes negros na área rural da cidade de São Félix:

Voltemos nossas imaginações para a quadra de uma escola, numa tarde de sol, na faixa das 15h00hs. Era intervalo, estavam todos os estudantes e se ouve, de repente, os alertas em azul e vermelho do tático móvel. Eram três viaturas, desceram delas vários policiais altamente armados. A bola corre na quadra, os rapazes se juntam, alguns com mais medo se escondem, outros observam, as meninas e os meninos ficam assustados, um morador sai na porta de casa e entra rapidamente, outros rapazes sentados na porta da quitanda correm pelo pasto. Os policiais se aproximam, os meninos são revistados, a típica abordagem policial que cumpre os protocolos de averiguação, com os “elementos” considerados suspeitos, boné no chão, bermudas revistadas da bainha até a última costura, mãos entre os sacos e virilhas, pistolas apontadas, um terror se instaura, alguns enfileirados próximos à tela rasgada da quadra, outros que já foram revistados observam. A vice-diretora se aproxima, questiona o porquê da abordagem, recebe uma resposta qualquer. Em silêncio, o último menino é revistado, perguntas soltas: “De onde você é?”, “Sou estudante”, “E você?”, “Também”. Pegam o documento de um, entregam o documento de outro, parece uma operação de guerra, entram todos novamente na viatura, ouvimos o barulho estrondoso dos pneus que se juntam à poeira da estrada. E o medo fica registrado no semblante dos jovens rapazes. (ARAÚJO, 2018, p. 37).

A descrição nos revela aspectos do contexto de controle a que estão submetidos jovens homens negros na localidade rural da cidade de São Félix, ajudando-nos a identificar elementos que apontam a racialização como um fator determinante na construção de um imaginário simbólico sobre o homem negro. Desde minha chegada à localidade, ouvi diversos relatos sobre o aumento da violência e criminalidade, resultando numa presença constante dos agentes de segurança pública, travando diversos conflitos com os jovens rapazes que ali estudavam. Ao mesmo tempo, chegavam ao meu conhecimento relatos sobre o aumento da presença de facções que vinham se formando naquela localidade, buscando fugir do controle mais efetivo dos agentes de segurança pública na zona urbana, e



com isso passei a buscar compreender qual a justificativa para os conflitos entre os agentes de segurança e os rapazes na escola.

Ora, não foi muito difícil refletir sobre quais fatores estabeleciam relação entre os estudantes – especificamente os homens – e os conflitos que ali se intensificaram. A correlação era extremamente direta, e passei a compreender isso após uma série de diálogos, onde indaguei aos rapazes acerca das suas experiências com os fatos ocorridos. Alguns falavam que aconteciam aqueles episódios mesmo, que “a polícia sempre aborda pessoas por serem negras”.

A narrativa de um dos rapazes me chama bastante atenção, pela densidade do que foi dito. Ele inicia seu relato lembrando de abordagens policiais já sofridas por ele e pelos colegas, e num tom jocoso, ora com indignação ao falar, ora fazendo graça de si, explica que a maioria dos rapazes da turma já teria passado pela experiência de tomar o “baculejo” – expressão que ele e os outros rapazes utilizavam para se referir à abordagem policial, e que também é bastante utilizada pelos jovens nas periferias brasileiras. Logo depois do seu relato, ele se volta para mim, como quem quer informar que nada daquilo é novo, nem para ele, nem para a maioria dos que ali estavam, dizendo: “Que nada, professor! Aqui todo mundo já tomou enquadro e não tem pra onde correr, todo preto toma baculejo. Os homi, basta encontrar a gente, que aborda mesmo”.⁷

Essa narrativa que denuncia a vigilância que acomete corpos negros é evidenciada a partir da experiência, estando relacionada à performance de sujeitos que se constituem no entendimento da sua passividade frente às vivências cotidianas, reproduzindo enquanto uma performance de longa duração, como define Taylor (2009, p. 8), um trauma narrado repetidas vezes a partir de suas experiências, com as abordagens dos agentes de segurança pública, revelando ação da política de controle que atinge seus corpos. A representação de sujeitas e sujeitos negros é produzida para ocupar na vida cotidiana o papel onde a violência é uma ação justificável com base na ontologia daquele corpo que, como bem

⁷ “Enquadro” é sinônimo de “baculejo”, referindo-se à abordagem policial. Já “homi” é uma expressão utilizada para se referir aos policiais, na linguagem dos jovens, naquela localidade e em outros contextos, a exemplo das periferias na Bahia.



descreve Fanon (2008, p. 26), é antes de tudo “um negro”, ou seja, a representação do corpo negro é descrita a partir da condição de escravo.

Patterson (2008, p. 33), por sua vez, ao tratar dos fins exercidos pela escravidão nos diversos contextos históricos, salienta que a posição do escravo informa, posiciona e possibilita a produção de todas as formas possíveis de opressão e dominação, onde o corpo é representado de modo objetivo. Isso é o que produz a posição de morte social, como enfatiza Pinho (2018), ao problematizar o argumento de que a condição de escravo que define a negritude produz funções distintas para a experiência negra, que perpassa a desumanização, quando as sujeitas e os sujeitos negros são considerados enquanto “não humanos” e “não pessoas”, submetendo a existência negra a “negociações complexas de humanidade/desumanidade; desejo/terror; honra/desonra; liberdade/cativeiro” (Pinho, 2018, p. 8), produzindo repertórios de significação projetados no corpo. O argumento do autor parece exemplificar bem a égide das “existências infernais” vivenciadas pela experiência de sujeitos negros que problematizo neste texto.

O corpo negro é pensando tão somente enquanto corpo, afastando-o da condição de “homem”, esvaziando-o enquanto gênero diante de outros homens não negros, como demonstra Pinho (2005, p. 127), na sua etnografia em Salvador, no período descrito como reafricanização, onde é marcante a presença do “Brau” como um modelo de masculinidade negra oposta aos padrões tradicionais nesta cidade. O autor revela que a categoria gênero masculino não consegue subsidiar posições universais para condição de um sujeito negro, primeiro porque esse sujeito é destituído enquanto parte de uma narrativa de “homem universal”; e segundo, a sua condição é representada no corpo e na imaginação a partir da racialização.⁸

Alves (2016, p. 59), em seu artigo intitulado “Inimigo público: a imaginação branca, o terror racial e a construção da masculinidade negra em ‘Cidade de Deus’”, demonstra como a “imaginação branca” – termo utilizado pelo autor – estrutura formas de significação

⁸ Segundo o autor, Braus foram ou são jovens homens negros que adotam etiquetas de comportamento a partir de releituras da “cultura” soul norte americana, sendo estigmatizados como violentos e de “mau-gosto” e hiperssexualizados pela classe média. Esses jovens são representados como excessivamente negros. Pinho (2005). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a09v13n1.pdf>. Acessado em: 29 de outubro de 2019.



para posicionar homens negros, produzindo para a masculinidade negra um *status* de hegemonia subalterna com base nos enredos de violência⁹.

Do mesmo modo, Faustino (2014, p. 75), ao tratar sobre sua própria experiência enquanto homem negro, em seu artigo “Pênis sem o falo”, traz algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo, revelando aspectos da posição social subalterna de sujeitos negros, que numa interpretação mais ampla, circundam desde sua presença na escola, no mercado de trabalho, nas relações afetivas, sempre subsidiadas pela hipersexualização, violência e controle¹⁰.

Seguindo estes autores, considero que a construção de identidades masculinas racializadas está marcada por tentativas de uma reprodução que busca se assemelhar a padrões de ordem hegemônica, como fuga para essas posições estruturais, esbarrando-se em aparatos de gênero, num corpo que é representado como somente corpo em sua totalidade, tendo que cumprir os papéis que instituem a masculinidade como modelo, com características definidas por normas universais.

O corpo é o eixo onde se estrutura a violação da condição de “homem”, revelando o quanto a racialização estrutura “existências infernais” para a experiência de vida de homens negros, apontando-nos, de forma incisiva, para as complexidades produzidas, revelando que não há representação universal para a categoria homem quando inserimos a experiência negra, pois se trata de dispositivos que elegem corpos possíveis – leia-se heterossexual, branco e cristão – para essa conformação idealizada. O homem negro, neste cenário, é um corpo avesso à corporeidade desse homem ideal, ele é, antes de tudo, sexualizado e criminalizado, e precisa ser contido através ações que atuem no seu corpo através das variadas formas de violência.

⁹Neste artigo Alves (2016) analisa como se dá a construção da identidade negra masculina a partir dos imaginários urbanos, interseccionados por raça, gênero e pobreza. O autor constrói seu argumento a partir das narrativas patológicas entre o filme “Cidade de Deus” e a masculinidade negra. Disponível em: <https://dadospdf.com/download/inimigos-publicos-imaginao-racista-terror-racial-e-masculinidade-negra-em-cidade-de-deus-antinegritudes-v15-pp59-79>. Acessado em: 29 de outubro de 2019.

¹⁰ Faustino (2014) procura neste artigo articular reflexões elaboradas por autores e autoras negros acerca das masculinidades negras e do racismo, debruçando-se sobre as intersecções como possíveis relações com a mortalidade de jovens negros. Disponível em: <https://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/O-P%C3%80NIS-SEM-O-FALO-DEIVISON-NKOSI.pdf>. Acessado em: 29 de outubro de 2019.



As experiências vividas por esse grupo de rapazes negros representam de modo localizado os dramas que atravessam as identidades masculinas racializadas, ao mesmo tempo em que nos permite pensar numa perspectiva mais ampla acerca da posicionalidade do homem negro, com base no que defendo aqui como “existências infernais”.

Em uma das minhas observações no campo, aproximei-me de um grupo de rapazes que estava em frente à quadra da escola, onde eles costumavam jogar futebol. Eles estavam “de resenha”, uma expressão que eles costumam utilizar quando estão em meio a um diálogo entre eles. Eu sempre me interessava em observar esses momentos entre os rapazes, era para mim uma maneira de obter informações de forma coletiva, e confrontar com alguns relatos individuais. Os rapazes seguem “resenhando”, um deles inicia um relato com seus colegas em tom de riso e em voz alta, e logo após o outro responde:

Por que naquele dia tu não se botou com a caatinga, ficou que nem puta, dizendo: “não senhor, eu sou trabalhador, eu trabalho na roça, não leve minha moto não”, aí tu ficou chorando que nem puta (risos). (Jean)

A viatura veio de lá e parou a gente, porque ver a gente pobre preto, só porque a gente tava correndo, eles param a gente direto, não tem hora, joga tudo no chão e se você reclamar, apanha. Outro dia um me deu um brocão porque eu falei que não era bandido e trabalhava. Os branco barãozinho passa tudo em alta velocidade, levantando poeira e eles não diz nada.
¹¹ (Amarildo)

Um dos rapazes que estava em volta confirma o relato do colega, dizendo: “é mesmo, rola várias dessas aí, quem vai se botar com os homi? Eu mermo entrego logo os documento e peço para não levar minha moto, eles pensam que é roubada” (Môa).

Eles pensam que nós aqui é tudo malandro, que a gente não trabalha. Outro dia um me perguntou aqui na frente da escola: “você trabalha? Tá fazendo o que aqui?”. Isso revolta o cara, véi! Você trabalha na roça e vem uma desgraça lhe perguntar se você trabalha. (Joaquim)

Os rapazes se referiam às abordagens policiais que alguns deles estavam experienciando há algum tempo, e isso era sintomático, pois não só estava presente nos

¹¹ “Brocão”, na linguagem dos jovens, significa um tapa forte.



diálogos dos rapazes, mas também nas narrativas da administração da escola e dos professores. Eu fui alertado, certa vez, que não ficasse muito próximo da quadra, pois poderia ser considerado suspeito, ou mesmo confundido pelos membros da facção que ali estava instalada e até pelos próprios agentes de segurança pública.

No período em que estive no campo eu me sentia duplamente representado e observado por todos, isso me fez compreender que a condição racial era o fator central que produzia no meu corpo os mesmos significados vivenciados pelos rapazes, estudantes da escola, o que foi para mim um ponto relevante, pois estava vivenciando um fazer etnográfico com impasses e desafios marcados por um contexto onde eu era parte atuante, com base na minha condição racial, apontando para os desafios impostos a um pesquisador negro em um contexto onde a representação delimita seu acesso.

Ao analisar as questões de precariedade no acesso à educação de jovens negros, somando-as aos relatos sobre o crescimento da violência na comunidade, tendo como resultado a intervenção de agentes da segurança pública, tais informações evidenciaram a realidade de fenômenos sociais pertinentes que se manifestavam naquela localidade, sendo o primeiro, o avanço da violência no campo, que para além da relação com o agronegócio e de disputas por questões fundiárias, revela-se neste contexto, como local onde a criminalidade tem se articulado com base no tráfico de drogas, sendo essa uma das justificativas para aumento da violência e a presença constante de agentes de segurança pública naquela localidade, como dispositivo de controle.

Aqui apresento mais alguns diálogos entre os rapazes que tratam dos mesmos fatos ocorridos, validando a hipótese acerca da correlação feita dos jovens rapazes negros com cenário de criminalidade crescente naquele contexto, destacando o ponto de vista dos sujeitos investigados. Vejamos:

Nós sempre vamos ser abordados, pelo fato de ser preto pobre, ver a gente assim, mas se for um cara branco não. (Rafael).

Eles encontram a gente aí na estrada, se agente estiver sem documento, eles vão logo batendo. Outro dia um me perguntou o que eu estava fazendo aqui, eu respondi: “estou na escola”, “E de manhã você faz o que? Você trabalha?”, eu respondi a ele que trabalhava. (Galdino).



Esses fatos correlacionados foram imprescindíveis para validação de que os sujeitos investigados produzem um entendimento crítico acerca dos sentidos e significados de raça e racismo e de como esses significados tornam suas experiências marcadas por “existências infernais”. Os dados levantados me possibilitaram validar o corpo hipotético a partir de experiências perpassadas por racismo, em um contexto rural onde a presença da violência é constante, produzindo nas subjetividades significados específicos, que se fundamentam na sua condição racial e na representação de corpos negros, sendo perceptível nas suas vozes ao emitirem seus pontos de vistas durante os diálogos.

É notório que os rapazes conseguem articular que recai na representação de seus corpos uma objetividade que os tornam corpos potenciais para efetivação de uma abordagem policial diferenciada, focada numa política de coerção específica, um exemplo de que a posição racial do homem negro possibilita experiências similares, a partir da condição racial, validando a hipótese de que o avanço da violência e a presença dos agentes de segurança na localidade perpassa por todos que estão inseridos naquele contexto, considerando corpos negros como alvos potenciais para controle e vigilância.

Há uma relação direta entre raça, racismo e as experiências dos jovens homens negros. Naquele contexto isso fica evidente não só nas falas dos rapazes, mas também na forma como eles compreendem os sentidos das abordagens e a vigilância a qual estão submetidos seus corpos, na relação com suas identidades racializadas. Na busca de comprovar tal afirmação, procurei remontar um perfil não essencialista desses rapazes, apontando para a racialização como produtora de constrangimentos que atingem as identidades masculinas de jovens negros.

Durante o trabalho de campo, pude perceber que havia um referencial geracional de ampla relevância entre os rapazes, a partir da figura paterna, como parte dos códigos de masculinidade que se referem ao *status* provedor da posição masculina, exercendo seu aspecto central como forma de especificar o pertencimento. Em diálogo com um dos rapazes, ele relata que a conduta dele precisa ser sempre correta para honrar o nome dos “pais”, demonstrando como as identidades masculinas são construídas com base na relação



de condutas específicas, como forma de assegurar a honra e a respeitabilidade masculina.

Machado salienta que:

No Brasil, a força da categoria relacional honra e funda a construção simbólica dos gêneros, no que tem de mais impensado e naturalizado. A construção hegemônica dos valores masculinos faz lembrar os padrões mediterrâneos da construção simbólica masculina em torno do desafio da honra do controle das mulheres e da disputa entre homens. (MACHADO, 2004, p. 51-52).

A experiência negra, nesse contexto, recorre à honra como forma de se constituir enquanto homem possível, nas diversas narrativas dos rapazes é evidente que eles reivindicam suas identidades de trabalhadores rurais, estudantes, filhos, netos e irmãos, demonstrando um entendimento acerca da ação da racialização sobre suas identidades, que para além do componente racial, é construída com base em outros fatores que deveriam ser utilizados para representá-los. Esse argumento potencializa a crítica às instituições de segurança pública, ao pautarem nos corpos de sujeitos negros significados objetivos que alcançam uma coletividade, negligenciando trajetórias individuais, produzindo para experiência de homens negros “existências infernais”, marcadas pela reprodução acentuada da norma masculina, como justificativa de honra (Machado, 2004, p. 51), de dignidade e possibilidade de prestígio e *status* entre outros homens (Souza, 2013, p. 36 *apud* Restier 2019, p. 21).

Essa ação é considerada por Restier (2019, p. 24), como um “dinamismo relacional das masculinidades”, e esse dinamismo, na minha interpretação, reitera modelos de masculinidade construídos com base num ideal masculino, patriarcal, heterossexual e branco, hierarquizando de forma relacional outras identidades masculinas, a exemplo das masculinidades racializadas.

Ao reconhecer a raça como um eixo de partida para posicionar sujeitas e sujeitos negros, destaco a precarização da educação como parte desses atravessamentos que perpassam a experiência de vida de jovens homens negros, que como bem define Giugliani (2016, p. 85), tem conduzido um maior número de rapazes a abandonar a escola no Ensino Médio, na região do Recôncavo da Bahia. Desse modo, a precarização educacional, em diálogo com a representação que recai sobre essas identidades masculinas racializadas,



compõe o que classifico como experiências marcadas por “existências infernais”, onde a racialização é parte estruturante para o ponto de partida da existência negra, desde a colonização.

A escola é, para alguns deles, a possibilidade de iniciar um novo ciclo de suas vidas, cumprindo os níveis de escolaridade formal, poderão se inserir no mundo do trabalho; para outros, é uma forma de transpor e vencer dificuldades; também alguns frequentam a escola simplesmente para cumprir a exigência da família, ou até mesmo para fugir do trabalho na roça. Procurei avaliar essas questões, de modo a compreender que as experiências desses rapazes são perpassadas por questões distintas, e que para além da análise centrada na forma diferenciada como alguns utilizam o espaço da escola, é necessário compreender os dramas sociais e cotidianos como forma de desenvolver uma descrição analítica próxima das suas realidades efetivas.

CONSIDERAÇÕES

Neste artigo procurei evidenciar o cotidiano de um grupo de rapazes negros na zona rural de São Félix, interior baiano, descrevendo suas experiências perpassadas por fatores produzidos pela racialização, denominando a complexidade dos desafios que atravessam a experiência de vida de homens negros como “existências infernais”, considerando a construção de identidades masculinas racializadas como parte desse processo multifacetado, marcado pela relação entre raça e gênero.

Para tanto, este artigo estabeleceu um debate onde o corpo negro foi evidenciado enquanto espaço para a produção de violências, buscando estabelecer diálogo com a crítica desenvolvida por Oyêwúmi (2018, p. 307), que nos interpela acerca da sua abrangência, não somente no âmbito da investigação antropológica, mas também como uma lógica social que elege o corpo como o lugar da observação e da vigilância. A experiência dos jovens homens negros em questão, no espaço rural, nos aponta para essa constituição da sociedade pautada no corpo.



Seguindo Oyêwúmi (2018, p. 307), a crítica expõe um aspecto importante da nossa sociedade, que elabora para determinados corpos significados que orientam sua posição na hierarquia social, produzindo diferenças, estabelecendo cisões. O meu argumento procurou apontar para a experiência racial de homens negros com a violência como um ponto central para o reposicionamento da construção de identidades masculinas racializadas, que compreendem a posição de seus corpos enquanto subjetividades não hegemônicas, que estão fora dos processos normativos de significação e, portanto, aptos a incorporar modos de reestruturação que sintetizem na complexidade dos seus cotidianos o entendimento para um nova performance do “negro vida”.

Tal performance é construída a partir da interpretação crítica dos mecanismos raciológicos que compõem os imaginários da sociedade brasileira, remontando condutas masculinas diferenciadas com base na análise dos dramas sociais vividos, compreendendo que estes fazem parte de uma articulação entre racialização, capitalismo e modernidade. Por fim, homens negros deparam-se com sua posição racializada ao buscarem reproduzir condutas formuladas por modelos de masculinidade normativas e padronizadas disseminando nos contextos que estão inseridos, práticas misóginas, machistas e lgbtfóbicas, sem que isso produza para suas identidades masculinas o status de homem ideal, como discutimos ao longo do texto, reproduzindo um modelo de masculinidade, que somente os enquadra enquanto reprodutores de papéis naturalizados que caracterizam as identidades de sujeitos considerados como do gênero masculino. Do meu ponto de vista, o movimento que vem sendo feito em relação aos estudos das masculinidades negras por alguns pesquisadores e pesquisadoras no Brasil tem produzido reflexões pertinentes sobre a construção de identidades masculinas de homens negros sinalizando para a forma como esses homens são representados e violentados, ao buscarem alcançar um modelo de masculinidade dominante, este artigo aponta para a nocividade da representação que violenta corpos de homens negros ao mesmo tempo que sugere a reflexão sobre essas violências vividas como produtoras de novos caminhos para construção de identidades masculinas de homens negros, rompendo com as amarras que circundam toda construção normativa da masculinidade dominante, que atuam como parte estrutural do mundo



colonizado tornando corpos violentados reprodutores de violências, patriarcais, sexuais e de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES. Inimigo público: A imaginação branca, o terror racial e a construção da masculinidade negra em “Cidade de Deus”. In: PINHO, Osmundo e VARGAS, João H. Costa. *Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

ARAÚJO, Júlio César Cerqueira. *Antinegitude e construção de projetos de vida: uma etnografia entre jovens homens negros no Recôncavo da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA, 2019.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432. Acessado em: 20 de setembro de 2019.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Tradução e revisão técnica de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ: 2014.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA: 2008.

FAUSTINO, Deivison (Nkosi). O pênis sem o falo. Disponível em: <https://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/O-P%C3%80NIS-SEM-O-FALO-DEIVISON-NKOSI.pdf>. Acessado em: 15 de novembro de 2014.

GIUGLIANI, Beatriz. A defasagem de jovens homens negros na Bahia: articulações entre raça, gênero e educação. In: PINHO, Osmundo e VARGAS, João H. Costa. *Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Patologia social do branco brasileiro. *Jornal do Comércio*, janeiro de 1995.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e Violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisia (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunise, 2004.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Rev. de Antropologia*, v. 34, 1991, p. 197-221.

OYĒWÙMÍ O. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. Tradução de Leonardo de Freitas Neto (UFRB). Revisão da Tradução de Osmundo Pinho (UFRB). Revista do PPGCS – UFRB – *Novos Olhares Sociais*, v. 1, n. 2, 2018, p. 294-317.

PATTERSON, Orlando. *Escravidão e morte social*. São Paulo: EDUSP: 2008.

PINHO, Osmundo. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reaficanização em Salvador. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, 2005, p. 127-145. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a09v13n1.pdf>. Acessado em: 15 de maio de 2018.

PINHO, Osmundo. A pessoa do escravo: morte social e imaginários políticos da diáspora africana no Brasil. Instituto Tepoztlán para la Historia Transnacional de las Américas, Conferência 2018 – “Vidas negras y muertes negras: Despojo, Desaparición, y Cercamiento”.

RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: RESTIER, Henrique, SOUZA, Henrique e SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro tema, Negro vida, Negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 10, agosto de 2017, p. 163-182.

TAYLOR, Diana. O trauma como performance de longa duração. *O Persejejo* (PPGAC-UNIRIO), v. 18, f. 1, janeiro/junho de 2019. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/512>. Acessado em: 20 de setembro de 2019.

TORRES, Maldonado. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMES Santiago e GROSFOGUEL, Ramón. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

VARGAS, João H. Costa. A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma Geografia Supranacional da morte e suas alternativas. *Rev. da ABPN*, v. 1, n. 2, julho a outubro de 2010, p. 31-65.

Recebido em: 20/09/2019

Aprovado em: 30/10/2019